

O CABOCLO

CACHOEIRA DO ROBERTO

Roberto Ramos da Silva era filho do português Jorge Ramos, casado com Delfina Rodrigues Siebra, residente na cidade de Oeiras – PI.

Jorge Ramos levava e trazia correspondência para Salvador. Passava meses de viagem, quando chegou em casa encontrou sua esposa grávida, e de acordo com a saída dele tirou a conclusão, que não era filho dele. Investigou-a e descobriu que era filho de um escravo. Jorge Ramos queria matar sua esposa. Com medo da reação do pai, Roberto Ramos foi obrigado a fugir de casa com sua mãe, a fim de evitar uma tragédia. Quando fugiu com sua mãe de Oeiras para a extrema do Piauí com Pernambuco, viajaram mais por dentro da caatinga do que pela estrada, com medo de Jorge Ramos vir à sua procura.

A primeira moradia de Delfina foi uma caverna de pedreira onde ela deu à luz a uma menina e após o parto ela ficou doente, e quem lhe deu toda assistência foi seu filho Roberto.

Roberto Ramos soube então da morte de seu pai, indo até a cidade de Oeiras vender o patrimônio deixado por ele. Comprou aos Coelhos do São João Velho uma fazenda de criação de gado completamente abandonada, pelo valor de cinco contos de réis. Desse dia em diante, o gado que descia sem marca de ferro para tomar água no lago, Roberto ia ferrando para ele sem pagar nada por nenhum gado.

Roberto Ramos da Silva se tornou um grande latifundiário em nossa região.

Em 1817 construiu a igreja de Cachoeira. Sua mãe está sepultada debaixo do altar de Nossa Senhora das Dores.

O cemitério de Cachoeira foi construído em maio de 1817, por Delfina Siebra e Frei Henrique Cavalcanti. Quando estavam construindo o cemitério, Frei Henrique mandava as mulheres carregarem pedras na cabeça para fazer penitência. Nessa época, Roberto Ramos já era falecido.

No mesmo ano que foi construído o cemitério de Cachoeira, foi construído o primeiro cemitério de Petrolina em 1871.

A irmã de Roberto Ramos, filha do escravo, fugiu para à caatinga junto com um índio, que ele criara.

Foram morar nas proximidades da Tapera num barraco debaixo de um pé de pau.

A irmã de Roberto resolveu deixar o índio.

Ele ia caçar todos os dias para dar comida à família, saía cedo e só chegava à noite. Ela aproveitou a saída do índio e fugiu com os filhos à procura de casas com moradores. Foi chegar num tanquinho, que tinha umas meninas pegando água. As meninas ficaram com medo da mulher nua. Ela pediu às meninas que fossem em casa e dissessem a mãe para trazer uma roupa para que ela pudesse chegar até a casa. A mãe das meninas trouxe a roupa e perguntou o que tinha acontecido com ela, que chegou a uma situação daquela. Ela contou a história e disse.

–“Já ouviu falar em Roberto Ramos da Cachoeira? Eu sou irmã dele”.

Quando o índio apareceu à tardinha, botaram os cachorros nele e o índio desapareceu.

Escreveram uma carta para Roberto Ramos dizendo que fosse buscar a irmã. O portador foi deixar a carta em Rajada e Estevão Rodrigues Coelho mandou outro portador deixar a carta na Cachoeira. Roberto mandou buscar a irmã e os sobrinhos.

Desse casal nasceram três filhos: Luis da Silva o Fundador do povoado de Lago-BA, Luiz do Rego, o Fundador do Bom Jardim BA, e Luisa.

Eles se casaram e se batizaram no dia em que se batizou a igreja de Cachoeira do Roberto: O nome de Luiz foi em homenagem a São Luiz Gonzaga, que os ajudou a voltar para casa. Esses nomes foram dados pelo padre que os batizou, e pediu para fazer uma homenagem a esse santo.

O local que a irmã de Roberto Ramos da Silva ficou com o índio, localizado na extrema de Pernambuco com a Bahia, conhecido por Pau da História. Assim contava o historiador do Lago, Cirilo Andrade Silva, que é descendente da irmã de Roberto Ramos e do índio.

Quando Roberto faleceu, deixou um grande patrimônio para sua esposa e seus 16 filhos.

Delfina Rodrigues Siebra faleceu pobre, aos 105 anos de idade.

Traduzido do Jornal “O CABOCLO” de Abril 1998

Por José Teles